

10 de janeiro de 2018

- **EUA: consolidação da base industrial de defesa***
- **Minusca: Brasil manda comitiva de dez oficiais para reconhecimento na República Centro-Africana***
- **Airbus vai reduzir cadência de produção do A400M***
- **Governo indiano cancela programa de caça-minas 'Make In India'**

EUA: consolidação da base industrial de defesa*

O desenvolvimento tecnológico nos Estados Unidos da América tem sido historicamente relacionado com as políticas industriais de defesa. Às vezes, as novas tecnologias relacionadas à defesa levaram ao desenvolvimento de produtos que alimentaram o crescimento de um amplo espectro de indústrias comerciais. Em outras ocasiões, o estabelecimento militar dos EUA concentrou seus recursos em tecnologias especializadas com pouca ou nenhuma aplicabilidade a outros mercados.

O aumento das indústrias modernas de alta tecnologia (por exemplo, semicondutores, computadores, elementos-chave dos sistemas de comunicação modernos, aeronaves e tecnologia espacial e biotecnologia) foi estimulado pelo investimento estatal pós-Segunda Guerra Mundial em (1) pesquisa e desenvolvimento (P&D) para fortalecer a

defesa nacional dos EUA e (2) a educação de cientistas qualificados, engenheiros e técnicos para trabalhar nessas novas indústrias. No entanto, nestas indústrias, as vendas de novos produtos comerciais deslumbrantes logo bloquearam as vendas de produtos de alta tecnologia para clientes militares. Durante a Guerra Fria, cerca de dois terços da P&D dos EUA foram financiados pelo governo federal, principalmente pela defesa. Hoje, essa porcentagem foi revertida, com dois terços da P&D dos EUA financiada pelo setor privado.

A Base Industrial de Defesa

Apenas um punhado de indústrias dos EUA são agora dominadas por gastos de defesa (as chamadas indústrias de defesa) e a maioria delas produz produtos “exclusivos para a defesa” (por exemplo, munições, tanques e veículos blindados, navios, veículos aeroespaciais e tecnologias, pesquisa e navegação eletrônica, e alguns tipos de instrumentos ópticos) para os quais o setor militar é o principal cliente. O maior setor de defesa é a eletrônica militar, que representa quase 50% mais de vendas do que as aeronaves. A relação entre o estabelecimento de defesa e essas indústrias é simbiótica – os militares dependem deles por sua vantagem técnica, que é o cerne da doutrina de segurança dos EUA, e as indústrias dependem das Forças Armadas dos EUA como seu principal cliente.

Apesar das origens militares dos computadores e da microeletrônica, essas indústrias não estão na lista das indústrias de defesa. Mesmo que os militares ainda sejam um importante financiador de tecnologias específicas e de ponta nestes campos (por exemplo, supercomputadores e dispositivos de sistemas microeletromecânicos, a demanda comercial por esses produtos superou os requisitos das forças armadas.

O gráfico abaixo mostra como foi a consolidação, através de fusões e compras, da base industrial de defesa e aeroespacial dos Estados Unidos a partir do ano 1980.

Fonte: Poder Aéreo

Data da publicação: 09 de janeiro

Link: <http://www.aereo.jor.br/2018/01/09/eua-consolidacao-da-base-industrial-de-defesa/>

Minusca: Brasil manda comitiva de dez oficiais para reconhecimento na República Centro-Africana*

O Diário Oficial desta terça-feira (9) publica a designação uma equipe de dez oficiais das Forças Armadas para fazer o reconhecimento da área de operações da MINUSCA, na República Centro-Africana, nas cidades de Bangui, Bambari e localidades adjacentes.

Entre 21 de janeiro e 3 de fevereiro, estarão no país africano um contra-almirante, dois generais de brigada, três coronéis do Exército (sendo um da reserva), dois capitães de mar e guerra (um da reserva), um capitão de corveta e um capitão aviador.

As despesas correm por conta do Ministério da Defesa.

Fonte: Montedo.com

Data da publicação: 09 de janeiro

Link: <http://montedo.blogspot.com.br/2018/01/minusca-defesa-manda-comitiva-de-dez.html>

Airbus vai reduzir cadência de produção do A400M*

PARIS – A Airbus reduzirá a cadência de produção de sua aeronave de transporte militar A400M nos próximos anos para absorver o excesso de “estoque a nível de fábrica”, confirmou um porta-voz da empresa em 3 de janeiro.

A Airbus produzirá 15 A400Ms em 2018 e apenas 11 em 2019, “para otimizar o planejamento de programas de longo prazo e garantir um futuro sustentável para o

A400M, levando em consideração diferentes fatores como recuperação de estoques, dando mais tempo para vendas de exportação e desenvolvimento de capacidades”, disse o porta-voz em um e-mail de 3 de janeiro.

O corte da produção não afetará necessariamente as cadências de entrega, que estão sendo negociadas com a OCCAR, a agência europeia de compras de defesa e as nações parceiras.

“Entregamos 19 A400Ms em 2017 e o plano de entrega para 2018 e 2019 está atualmente em discussão”, disse o porta-voz.

Apesar do aumento das entregas em 2017 e do fato de que as aeronaves mais recentes podem realizar a missão de reabastecimento em voo, o programa A400M permanece no que a empresa chama de “altamente desafiante”.

A partir de 31 de outubro, quando emitiu suas finanças do 3º trimestre, a Airbus descreveu progressos no A400M, assim:

“Doze A400Ms foram entregues em comparação com 11 aeronaves nos primeiros nove meses de 2016. Os pressupostos operacionais e comerciais que foram mantidos em 2016 continuam sendo a melhor avaliação atual da administração. No entanto, entretanto, os níveis de produção foram ajustados para absorver estoque com cronogramas de entrega ainda em discussão com os clientes. As atividades de desenvolvimento continuaram para alcançar o roteiro de capacidade revisado. No entanto, a conquista das capacidades técnicas contratuais e dos custos associados continua a ser altamente desafiadora. Há também desafios que restaram na obtenção de pedidos de exportação suficientes no período, na redução de custos, na eficiência industrial e na exposição comercial, o que pode afetar significativamente o programa. Discussões para diminuir o risco do programa A400M estão em andamento com as Nações e OCCAR “.

Em seu comunicado financeiro do primeiro semestre emitido em 27 de julho, a Airbus disse que entregou oito A400Ms durante o primeiro semestre, “em comparação com cinco aeronaves no primeiro semestre de 2016.”

Contudo, alguns progressos foram alcançados. Anunciando o corte da cadência de produção para a mídia espanhola em 24 de dezembro, o presidente-executivo da Airbus Espanha Fernando Alonso disse que o A400M será mais fácil de vender “agora que superou os problemas iniciais do motor”.

A Airbus também deve atualizar os A400Ms não compatíveis entregues aos países parceiros. Até à data, entregou um total de 56 A400Ms.

Fonte: Poder Aéreo

Data da publicação: 09 de janeiro

Link: <http://www.aereo.jor.br/2018/01/09/airbus-vai-reduzir-cadencia-de-producao-do-a400m/>

Governo indiano cancela programa de caça-minas ‘Make In India’

Por Rajat Pandit

NEW DELHI – Em mais um golpe importante para o plano ‘Make in India’ no setor de defesa, o governo indiano cancelou o projeto Rs 32,000 crore (US\$ 5 bilhões) para construir 12 caça-minas avançados em colaboração com a Coreia do Sul no estaleiro de Goa.

Os navios caça-minas avançados ou os navios de contramedidas de minas (MCMV) são navios de guerra especializados de cerca de 900 toneladas que detectam, rastreiam e

destroem minas subaquáticas colocadas por forças inimigas para atrapalhar portos e instalações offshore, perturbar o transporte marítimo e o comércio marítimo.

A Marinha Indiana, que iniciou este processo de aquisição em julho de 2005, precisa de 24 MCMVs para proteger as costas leste e oeste, mas está trabalhando apenas com quatro navios-varredores de minas de 30 anos de idade no momento.

Este “grande fosso de capacidade operacional” é ainda mais alarmante porque os submarinos nucleares e convencionais chineses, que podem silenciosamente lançar minas, estão fazendo regularmente incursões no oceano Índico atualmente.

Fontes importantes dizem que o governo dirigiu o Estaleiro de Goa para iniciar o processo todo novamente para o projeto de MCMV já atrasado, que foi fortemente pressionado pelo ministro chefe de Goa, Manohar Parrikar, quando ele era o ministro da Defesa, depois de desfazer as prolongadas negociações comerciais com o estaleiro sul-coreano Kangnam. “O Estaleiro de Goa foi convidado a emitir uma nova manifestação global de interesse (Eol) para os MCMVs. O novo RFP (pedido de proposta) ou concorrência virá a seguir.

As negociações finais com o Kangnam ficaram paralisadas por muito tempo porque este queria desvios do RFP original. Havia também algumas questões de ToT (transferência de tecnologia), estratégia de construção e problemas de custos”, disse uma fonte.

Fonte: Poder Naval

Data da publicação: 09 de janeiro

Link: <http://www.naval.com.br/blog/2018/01/09/governo-indiano-cancela-programa-de-caca-minas-make-in-india/>

* Não mencionado o autor no texto.